

PERCURSOS HISTÓRICOS E EDUCACIONAIS: A TRAJETÓRIA EDUCACIONAL E PROFISSIONAL DE UMA PROFESSORA DE EDUCAÇÃO BÁSICA

Autora: Ana Claudia Dias Ivasaki¹
Coautora/Orientadora: Patrícia Cristina de Aragão²

Universidade Estadual da Paraíba.

RESUMO

Neste artigo, traço a minha trajetória de vida, dos momentos construídos na escola básica até a docência, aspectos significativos na história de minha vivência em construção de meu percurso como professora. Nele, repenso a escola e a formação docente como lugares importantes da construção de vida e de formação. O objetivo deste estudo é analisar a docência a partir de memória de vida, com base num memorial de experiência docente a partir da elaboração de um memorial. O estudo está ancorado em Ibernón (2009); Souza (2007); Freire (2007); Burnier et al. (2007), entre outros. Trata-se de um relato de experiência de pesquisa realizada para a confecção de memorial de docência, elaborado a partir um componente do mestrado que culminou na feitura deste trabalho. O percurso metodológico está centrado numa pesquisa bibliográfica e documental, na qual me utilizei dos recursos memória e fotografias. Como instrumento de pesquisa, foi utilizado o memorial de experiência de vida e docência. Ressaltar a atividade de vida e docência a partir das memórias contadas no memorial contribui para estudos e pesquisas no campo de educação que versam sobre o saber docente e os trajetos de vida do professorado. Assim, espero trazer uma contribuição a professores que, assim como eu, têm enfrentando desafios na sua caminhada acadêmica.

Palavras-chave: Formação de professores, Memorial, Experiência docente.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste estudo é trazer à tona para reflexão na educação as memórias e história de vida do professor, analisando a docência a partir de memória de vida, com base na experiência de elaboração de um memorial. O estudo está ancorado nos trabalhos de Ibernón (2009); Souza (2007); Freire (2007); Burnier et al. (2007). Trata-se de um relato de experiência de pesquisa realizada para a confecção de memorial de docência, elaborado a partir de um componente do mestrado que culminou na feitura deste trabalho.

Discutir as memórias da vida escolar e profissional é importante para que possamos, juntos, refletir sobre os desafios enfrentados na formação do professor. Assim, busquei, junto

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores (PPGFP/UEPB). Pesquisadora do grupo de pesquisa História, cultura e ensino.

E-mail: anaivazaki@gmail.com

² Doutora em Educação. Professora do Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores (PPGFP).

E-mail: patriciacaa@yahoo.com

a autores e memórias antigas, trazer para o debate a minha experiência de vida, que pode, ou não, ter se repetido em outras caminhadas. Nossa pesquisa, de cunho bibliográfico e documental, mostrou-se importante na nossa jornada atual, em que buscamos constantemente a reflexão-ação-reflexão para fortalecer nossa identidade profissional de forma a contribuir com a educação pública brasileira.

Neste artigo, apresento primeiramente as minhas memórias de infância no sertão paraibano, na cidade de Monte Horebe - PB, com pouco mais de quatro mil habitantes. Na sequência, faço um relato do caminho dentro da educação, já como professora. Assim, procuro apresentar de forma resumida como foi minha trajetória até me tornar professora efetiva da educação básica de uma escola pública brasileira. Souza (2007, p. 65) nos lembra:

É no bojo do paradigma compreensivo que a história de vida se legitima como método e técnica de investigação/formação, situando-se no campo da virada hermenêutica, em que se compreende os fenômenos sociais como textos e a interpretação como atribuição de sentidos e significados das experiências individuais e coletivas.

Destarte, pautamo-nos na fala deste e de outros autores para ressaltar a importância dos relatos das memórias do professorado, como fonte de pesquisa e construção de conhecimento importante para o campo de pesquisa social e educacional. As memórias relatadas aqui fazem parte de minha caminhada e história de vida, busca trazer uma reflexão sobre histórias, memórias, infância e desafios e conquistas na formação inicial e continuada do professor.

1. TECENDO HISTÓRIAS, REELABORANDO MEMÓRIAS: DA INFÂNCIA ESCOLA À DOCÊNCIA

Neste item, elaboro o percurso de minha trajetória de vida a partir da infância, tecendo os caminhos de minha escolarização à docência enquanto uma construção cotidiana. Nele, faço reflexões sobre minha experiência de vida, de escola e as maneiras como fui construindo minha identidade docente. Burnier et al. (2007, *on-line*) levantam os seguintes questionamentos:

Colocamo-nos as questões: como se dá sua entrada no magistério? Que fator ou fatores pesaram positiva ou negativamente para a sua decisão? Que marcas, modos, projetos e expectativas de vida os

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br

distinguem, e como podem, de alguma forma, tê-los levado a aproximar-se do magistério? Que elementos emergem nas relações construídas no interior da escola e contribuem para que lá permaneçam? O fato de terem, antes da docência, vivenciado o mercado de trabalho como profissionais de outras áreas técnicas teria alguma influência sobre suas representações e projetos profissionais? Partindo da hipótese de que sim, esses docentes apresentariam representações sobre o ofício do magistério distintas daquelas encontradas entre seus colegas da educação básica.

Sentimos a necessidade de buscar na nossa própria história algumas respostas sobre os porquês de buscar caminhar pela docência e os caminhos seguidos a partir dessa escolha. Ao fazer essa ressignificação de minha história de vida, através de um mergulho em minhas memórias, constato agora que esta história é um reflexo do que foi o “*caos*” da educação brasileira nos últimos tempos. Essa é a história de uma jovem professora dedicada e determinada que, devido às péssimas condições, sobretudo salariais, viu-se obrigada a abandonar a sala de aula e virar “mão de obra” descartável em São Paulo-SP.

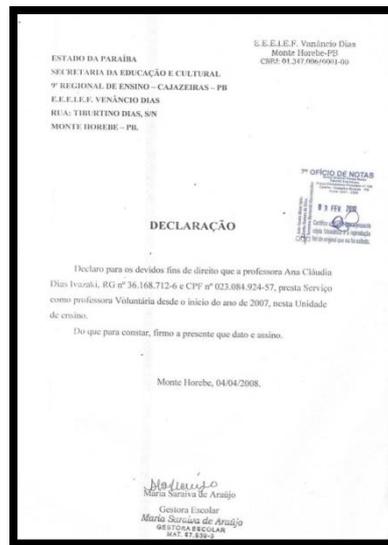
Início ressaltando que sou a mais nova de quatro irmãs, filha de pai analfabeto e mãe diplomada com 1º grau numa escola noturna para adultos. Iniciei minha alfabetização ao ingressar na escola formal, pois a instituição exigia que os alunos fossem alfabetizados para ingressar na 1ª série. Meus pais me colocaram numa escolinha particular de “Madrinha Luza”. Era assim que todos a chamavam na pequena cidade de Monte Horebe - PB, cravada no alto sertão da Paraíba, que atualmente conta com uma população de 4.156 habitantes (IBGE, 2006).

Lembro-me bem que a professora apreciava fazer brincadeiras e nós adorávamos. Não me recordo de atividades de escrita, só das brincadeiras que fazíamos durante o dia. Até hoje, sempre que a vejo, sinto enorme carinho por ela. Ingressei na 1ª série antes de completar sete anos de idade. Na época, não era permitido, mas como eu já sabia ler, fizeram minha matrícula. Sempre gostei da escola; tenho ótimas lembranças desse tempo.

Estudei em Monte Horebe-PB até concluir a oitava série. Desde sempre, nutria o sonho de ser professora. Então, quando chegou a hora de fazer o segundo grau, optei por cursar a escola normal numa cidade vizinha. O ano era 1990. Fui diplomada professora três anos depois, em 1993, pela Escola Normal São José, na cidade de São José de Piranhas/PB. Durante os anos de 1992/1993, lecionei a serviço da Prefeitura Municipal da cidade de Monte Horebe/PB numa escola rural e multisseriada no Sítio Serra Verde, onde recebia o valor de R\$50,00 e andava três quilômetros todos os dias, subindo serras íngremes (06 km no total - ida e volta).

Por necessidade financeira, assim que me tornei maior de idade, abandonei a profissão de professora para virar migrante em São Paulo. Durante os próximos 14 anos, dediquei-me a outras atividades não relacionadas à educação. Em 1997, de volta à minha cidade natal, Monte Horebe-PB, tornei-me “*Amiga da Escola*”. Desenvolvi trabalho numa escola estadual, em que fazia trabalhos voluntários na 2ª série. Na figura abaixo, consta a declaração de voluntariado feita pela então gestora Maria Saraiva de Araújo.

Figura 01: Declaração de voluntariado, 2008.

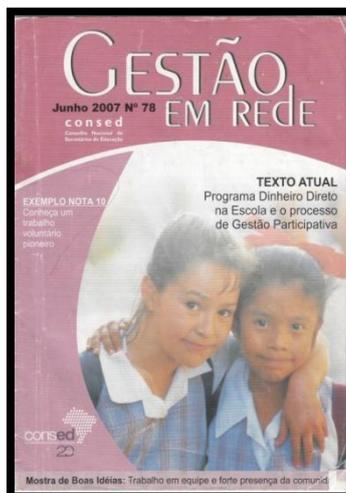


Fonte: Acervo pessoal de Ana Cláudia Dias Ivazaki, 2017.

Durante o ano em que atuei como voluntária da escola onde estudei quando criança, pude novamente sentir o prazer de estar numa sala de aula. É difícil descrever como se fez importante essa vivência para que eu lutasse para retornar à docência de forma efetiva, buscando, assim, o aperfeiçoamento profissional que se fazia necessário após tantos anos longe da regência de uma sala de aula.

Neste período, meu trabalho ganhou visibilidade e fui matéria de uma revista denominada *Gestão em Rede*, coordenada por Heloísa Look. Tínhamos nos encontrado em um congresso na cidade de Cajazeiras, localizada no alto sertão paraibano. Ela se interessou pelos projetos que apresentei no evento nesta cidade. Entre eles, ressaltou um projeto de leitura intitulado “Meu Diário”, que convidava os alunos a fazer relatos escritos sobre o que eles tinham vivido durante o final de semana. No final do ano, organizamos um livro com uma seleção das histórias contadas pelos educandos.

Figura 02: Capa da revista *Gestão em Rede*, que faz uma chamada acerca da nossa experiência em sala de aula no ano de 2007.



Fonte: Acervo pessoal de Ana Claudia Dias Ivazaki, 2017.

No ano de 2008, fui contratada temporariamente por um período de seis meses pela Prefeitura Municipal de Monte Horebe para atuar numa turma de 2º ano na E.M. José Dias Guarita, onde, entre outras coisas, desenvolvi, juntamente com a professora “Nenezinha”, o projeto “Farmácia Viva”. Nesse período, voltei a estudar e fiz os cursos de Pró-letramento de Português e Matemática.

Figura 03: Projeto Farmácia Viva, 2008.



Fonte: Acervo pessoal de Ana Claudia Dias Ivazaki, 2017.

A figura acima retrata o momento em que a “Farmácia Viva” já tinha forma, cheiros e sabores. A turma era bem diversificada, com alunos de várias idades. Na sala de aula, estavam matriculados três alunos com deficiência: dois com

deficiência intelectual e um com deficiência auditiva. Na ocasião, não havia sala de recurso nem atendimento especializado para os alunos, mas nossa integração de dava de forma satisfatória, embora naquele momento nos sentíssemos impotentes para auxiliá-los em suas dificuldades, principalmente com o aluno surdo. Então, iniciei uma busca por qualificação.

Consegui, no ano de 2008, cursar as formações do Pró-Letramento nas áreas de Matemática e Alfabetização e Linguagem. Para mim, que estava afastada da sala de aula há muitos anos, foi uma grande oportunidade de crescimento profissional, em que pude dialogar com meus pares e aprimorar meus conhecimentos para auxiliar os alunos. Em 2009, fui aprovada em primeiro lugar num concurso público no cargo de Monitora de Creche na Cidade de Monte Horebe-PB. No entanto, demorou quase três anos para que eu fosse convocada, tempo no qual fui afastada das funções de professora, pois os contratos foram encerrados.

Não me abati com a espera. Continuei buscando aperfeiçoamento, lendo, estudando. Assim, prestei concurso também na Cidade de Campina Grande-PB, e no ano de 2010, no dia 08 de março, fui convocada e assumi a sala de aula. Esse momento foi muito importante na minha trajetória. Uma grande emoção tomou conta de mim. Foi algo maravilhoso! Uma sensação da qual desfruto até os dias de hoje. Procuo, em contrapartida, sempre buscar formação e trazer inovação para minha sala de aula, contribuir da melhor maneira possível para e com a educação das crianças.

Desde então, fiz vários cursos de formação continuada e desenvolvi vários projetos em sala de aula. Uma das minhas maiores conquistas foi entrar para a Universidade, Universidade Estadual da Paraíba, em 2011, um fato que me proporcionou inúmeras oportunidades de crescimento profissional. Também tive a oportunidade de ministrar oficinas no Município de Campina Grande-PB, no ano de 2012, durante o IX SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO INFANTIL, oficina: Produção de Recursos Pedagógicos Através de materiais Alternativos; e um minicurso na Universidade Federal da Paraíba, em 2014, durante o II Congresso de Educação para as Relações Étnico-Raciais: Sociedade e Etnia, minicurso: Lei N. 10.639/2003: Educando para as Relações Étnico-Raciais na Infância.

Sempre nessa caminhada, procurei valorizar os conhecimentos adquiridos dentro da escola, no “*chão da sala de aula*”, espaço em que aprendi, formei, pondo-me num lugar que acredito ser de ensinamentos que complementam continuamente a minha formação, pois acredito que é através da nossa realidade, das dificuldades e conquistas de nossos educandos que conseguimos trazer contribuições para sua formação e também para a nossa. Não podemos nos esquecer que é com a interação

professor/professor, professor/comunidade/escola e professor/educando que se dão os maiores ensinamentos que podemos vivenciar.

Na referida oficina, intitulada “Produção de Recursos Pedagógicos Através de Materiais Alternativos”, foi possível compartilhar com colegas da Rede Municipal de Educação as minhas experiências de prática docente. Confeccionamos vários brinquedos e ferramentas pedagógicas com material reutilizável. Entre os objetos produzidos, um “porta tudo” com uma boneca negra, pois desde sempre me preocupei com a questão da diversidade étnico-racial em sala de aula e a representatividade das nossas matrizes de forma igualitária. Essa foi uma problemática que se apresentou antes de a creche inaugurar, quando uma Boneca Negra, feita de pano, que levei para minha sala de aula, a qual chamei de “Maria”, foi apelidada de “Negra Maluca” por algumas professoras. Apelido que não aceitei desde o primeiro momento.

Assim, buscando auxílio para essa problemática racial que se apresentou, procurei mais uma vez formação e informação. Uni-me ao grupo de estudos da UEPB que tratava da temática e iniciei meu aprofundamento teórico acerca do tema. Em 2013, a Creche e Pré-Escola na qual trabalhava recebeu um voto de aplausos da Câmara Municipal de vereadores de Campina Grande-PB, documento no qual consta meu nome como idealizadora da Mostra Afro-Brasileira, realizada anualmente na supracitada Unidade de Educação Infantil. Tal trabalho idealizado por mim, mas vivenciado por toda a instituição e que contou com a participação e envolvimento de todos os profissionais e comunidade escolar, é um marco na implementação da Lei n. 10.639/2003 na Educação Infantil da cidade.

Desde 2012, o evento acontece e se agiganta a cada ano que passa, servindo de referência para trabalhos realizados posteriormente. Embora nem sempre tenham se lembrado de citá-lo, a história está contada e devidamente registrada, história da qual me orgulho de ter sido pioneira nas unidades de Educação Infantil de Campina Grande-PB, assim como no grupo de pesquisa do qual fiz parte, pois, segundo inspiradores relatos das colegas que lá estavam, fui a primeira aluna/professora a trazer a discussão étnico-racial na Educação Infantil para o grupo.

Sendo assim, a minha metodologia de trabalhar a diversidade étnico-racial na Educação Infantil foi construída ao longo dos anos, partindo da minha experiência em sala de aula e das problemáticas que iam se apresentando durante essa caminhada que venho trilhado desde 2010. Nada fiz sozinha. Foram muitas as mãos que me ampararam e continuam me amparando, mas um divisor de águas foi a minha

formação inicial no curso de Pedagogia na UEPB. Tenho muito a agradecer a todos que têm, de forma, ética e humilde, se juntado a essa luta. Para Souza (2007, p.63), falar de memórias é falar de cultura.

Quando invocamos a memória, sabemos que ela é algo que não se fixa apenas no campo subjetivo, já que toda vivência, ainda que singular e auto-referente, situa-se também num contexto histórico e cultural. A memória é uma experiência histórica indissociável das experiências peculiares de cada indivíduo e de cada cultura.

Nessa senda, sigo falando de minhas memórias referentes à caminhada na formação inicial, no curso de Pedagogia/CAPES/PARFOR/UEPB da Turma II, e posteriormente na Pós-Graduação em Educação Infantil no Instituto Superior de Educação da Paraíba (IESP), vivências que foram de fundamental importância para o meu amadurecimento pessoal e profissional. Nessa jornada, ao lado de colegas, amigos, familiares e mestres, entre lágrimas e sorrisos, minha identidade profissional se afirmou positivamente ainda mais.

2. MEMÓRIAS DO ENSINO SUPERIOR: DA GRADUAÇÃO À SALA DE AULA

Nesse item, desenvolvo reflexão em torno de minha formação docente na graduação e os desafios que o ensino superior na formação inicial e continuada me proporcionou. Finalizei a graduação em Pedagogia em 2015 pela UEPB, mesmo ano em que concluí a especialização em Educação Infantil pela Universidade do Vale do Acaraú (UVA). Durante a graduação, abracei a causa da diversidade étnico-racial. Nunca me omiti no contexto de minha atuação como professora.

Após retornar do Japão, no Brasil, foi em 2010 que retornei à sala de aula na condição de professora efetiva de Educação Infantil em Campina Grande-PB. Desta vez, não era a estrutura nem as condições materiais que me inquietavam, mas a relação preconceituosa existente na creche. Uma questão nova se colocava diante de mim, despertando-me para a dimensão étnico-racial nos mínimos procedimentos de meu trabalho diário na unidade educacional.

Comecei a perceber que os alunos de pele “mais escura” eram sempre preteridos nas brincadeiras e uma boneca negra que eu trouxe como instrumento pedagógico era estranhamente deixada de lado pelas crianças. Diante destas situações vivenciadas, comecei a trabalhar a

questão étnico-racial movida pela vontade de ajudar meus alunos a reconhecer e valorizar as diferenças existentes na sociedade.

Posteriormente, tomei conhecimento da Lei n. 10.639/2003 num grupo de pesquisa da UEPB. Inicialmente, não sabia como aquelas novas informações poderiam ser aplicadas na sala de aula, com crianças de três e quatro anos de idade. Encontrei uma maneira através da capoeira, nos brinquedos, brincadeiras e na literatura infantil o caminho para vivenciar com crianças de tão tenra idade a temática étnico-racial, usando a ludicidade para contar e cantar histórias que falassem da beleza do povo brasileiro e das três matrizes que o formam, dos guerreiros, dos navegantes e dos reis. Tornei-me, assim, uma capoeirista, militante em prol da implementação das Leis n. 10.639/2003 e 11.645/2008, e uma Akpalô (*contador/a de histórias, aquele/a que guarda e transmite a memória de seu povo*). Compreendi que era possível alcançar meus objetivos quando uma aluna, diante do espelho, afirmou: “Tia, eu sou linda, eu sou Negra”.

Paralelamente, as bonecas negras que, a esta altura, já eram duas, também foram aceitas pela turma. Nos anos seguintes, repetia-se a mesma caminhada em sala de aula contra o preconceito étnico-racial. O ano de 2014 trouxe grandes desafios profissionais. Fui convidada pela Secretaria de Educação de Campina Grande-PB para compor seu quadro de técnicos para ficar à frente das ações que visam à implementação das Leis n. 10.639/2003 e 11.645/2008. No ano de 2015, montamos uma formação para atender a todos os profissionais de educação da Rede Municipal de Educação, a formação continuada intitulada “Trançando a Rede a Diversidade - Propostas e Desafio na Implementação das Leis N. 10.639/2003 e 11.645/2008”. Inscreveram-se no curso 81 profissionais, entre professores, vigias, capoeiristas, técnicos, cozinheiras e também alunos do curso de graduação.

Em 2016 e 2017, o curso, com carga horária de 60h/a, voltou a ser oferecido e contou ao todo com um total de 100 inscritos. A metodologia utilizada está centrada em oficinas de construção de brinquedos e materiais pedagógicos, rodas dialógicas, relatos de experiências dos docentes, aulas expositivas e participação de palestrantes de universidades, movimentos sociais e capoeiristas. Também em 2015, demos encaminhamento ao projeto de leitura “Descobridores de Histórias, Brincando e Aprendendo Com as Leis N. 10.639/2003 E 11.645/2008”, que tem como objetivo geral fazer uso da literatura infantil afro-brasileira e indígena como objeto cultural de suma importância para a construção identitária das crianças e para a constituição de posicionamentos a respeito do negro e do indígena na história.

O projeto contempla sete unidades a cada ano e realiza contações de histórias feitas pelos alunos de escolas e creches em praças e parques públicos da cidade. Em 2016, conquistei uma das maiores vitórias profissionais da minha vida: ingressei no Mestrado profissional em Educação oferecido pela UEPB, universidade que considero a minha “casa”. Como objeto de pesquisa, escolhi a Educação Infantil e a capoeira, duas grandes paixões minhas.

Desde criança, minhas ações sempre foram pautadas na defesa daqueles que mais precisavam. Mesmo sendo de origem humilde, sempre me senti privilegiada. Assim, guiada por Deus e pela ética e respeito ao próximo, que sempre me acompanharam, construí minha história. Por razões além de minha vontade e já supracitadas, afastei-me dos estudos em 1994, só voltando em 2011.

Durante a minha jornada na Universidade Estadual da Paraíba, conheci a professora Dra. Cristiane Nepomuceno, que desde 2011 me convidou a participar de um grupo de Pesquisa e Extensão sobre Diversidade. Juntamente com ela, e as professoras doutoras Margareth Maria de Melo e Patrícia Aragão, venho realizando as minhas pesquisas e a minha militância em prol da implementação da Lei N.10.639/2003 e, conseqüentemente, da capoeira.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse resgate de minha própria história me trouxe a certeza do quão importante é falar de nossa própria história, de forma a refletir sobre as possibilidades e desafios na trajetória de vida de um professor, que, apesar de todos os obstáculos, mantém-se na educação, trabalhando, estudando, pesquisando de forma constante na busca de contribuir de forma positiva com o espaço educativo formal. Como nos diz Ibernón (2009), a escola é um espaço privilegiado para o docente, e, como tal, não pode ficar à margem das pesquisas em educação. É preciso conhecer para agregar.

Educação se faz no chão da escola, e é nele que devemos buscar respostas e fazer novas perguntas para, juntamente com a comunidade escolar, responder da melhor forma aos anseios da coletividade. O trabalho com o memorial pode apresentar possibilidades diversas para a reflexão e ação dentro do contexto educacional. Destarte, compreendi que a minha experiência pode ser rica a outros e a de outros pode se somar à minha, lutando coletivamente para que direitos e deveres sejam igualmente respeitados. Sempre é bom lembrar o que Freire (2007, p. 26) afirma: “não é possível também ser professora sem lutar por seus direitos para que

seus deveres possam ser melhor cumpridos”. Resgatar a nossa trajetória de uma forma de luta, de lembrar a esse país chamado Brasil que, nesse exato momento, homens e mulheres estão enfrentando diversas barreiras para se manterem na profissão de professor.

REFERÊNCIAS

BURNIER, Suzana Regina; CRUZ, Mara Ribeiro; DURÃES, Marina Nunes; PAZ, Mônica Lana; SILVA NETTO, Adriana; SILVA, Ivone Maria Mendes. Histórias de vida de professores: o caso da educação profissional. **Revista Brasileira de Educação**, v. 12, n. 35, mai./ago. 2007.

FREIRE, Paulo. **Professora Sim, Tia Não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho D'Água, 1987.

IBGE. **Paraíba – Cidades – Monte Horebe**. 2006. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=250960>>. Acesso em: 18 ago. 2017.

IMBERNÓN, F. **Formação permanente do professorado**: novas tendências. Tradução de Sandra Trabucco Valenza. São Paulo: Cortez, 2009.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **(Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação**. Salvador: EDUFBA, 2007. 310 p. ISBN 978-85-232-0484-6. Available from SciELO Books.